



Freire e a formação dialógica-crítica do sujeito leitor literário

*Freire and the dialogic-critical training
of the literary reading subject*

Freire y la formación diálogo-crítica del sujeto lector literario

Bruno Pereira dos Santos ¹
Antonio Fernando Gouvêa da Silva ²

Resumo: A leitura, sendo uma atividade humana, é constituída de relações sociais carregadas de materialidade histórica e de contradições. Na escola, ela incorpora valores desde que tenha sentido para o leitor. Este artigo tem como base a prática do professor na formação do leitor literário, discutindo, à luz de princípios teóricos da educação em Paulo Freire e na literatura em Paul Zumthor, implicações metodológicas relevantes para a capacitação discente diante da importância do ato de ler. Trata-se de uma reflexão sobre a relação entre a leitura e a vivência dos alunos. A metodologia utilizada é de cunho qualitativo, envolvendo levantamento bibliográfico e relato de experiência. O objetivo do estudo é identificar como a leitura de texto literário contribui com a leitura de mundo por parte do educando. Concluiu-se que há, no ensino básico, necessidade de uma leitura dialógico-crítica que desenvolva um trabalho de formação do leitor literário, crítico e reflexivo na escola.

Palavras-chave: formação do leitor literário; leitura dialógica-crítica; Freire.

Abstract: Reading, being a human activity, is made up of social relations loaded with historical materiality and contradictions. At school, it incorporates values as long as it makes sense to the reader. This article is based on the teacher's practice in training literary readers, discussing in the light of theoretical principles of education in Paulo Freire and literature in Paul Zumthor relevant methodological implications for student training in view of the importance of the act

1. - brunopprof@hotmail.com. Doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos - Campus Sorocaba - SP. Mestrado em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2017). <https://orcid.org/0009-0004-9554-7830>

2. - gouvea@ufscar.br. Doutor em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004). Professor de Ensino Superior, Graduação e Pós-Graduação, na Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba e na Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. <https://orcid.org/0000-0002-8915-9952>

of reading. It is a reflection on the relationship between reading and students' experiences. The methodology used is qualitative in nature, involving bibliographical research and experience reports. The aim of the study is to identify how reading literary texts contributes to the student's reading of the world. It was concluded that there is, in basic education, a need for dialogical-critical reading that develops work to train literary, critical and reflective readers at school.

Keywords: formation of the literary reader; dialogical-critical Reading; Freire.

Resumen: La lectura, al ser una actividad humana, está constituida por relaciones sociales cargadas de materialidad histórica y contradicciones. En el colegio incorpora valores siempre que tenga sentido para el lector. Este artículo se fundamenta en la práctica docente en la formación de lectores literarios, discutiendo a la luz de los principios teóricos de la educación en Paulo Freire y de la literatura en Paul Zumthor, implicaciones metodológicas relevantes para la formación de los estudiantes en vista de la importancia del acto de leer. Es una reflexión sobre la relación entre la lectura y las experiencias de los estudiantes. La metodología utilizada es de carácter cualitativo, involucrando investigación bibliográfica y relatos de experiencia. El objetivo del estudio es identificar cómo la lectura de textos literarios contribuye a la lectura del mundo por parte del estudiante. Se concluyó que existe, en la educación básica, una necesidad de lectura dialógico-crítica que desarrolle un trabajo para formar lectores literarios, críticos y reflexivos en la escuela.

Palabras clave: formación del lector literario; lectura dialógico-crítica; Freire.

1 Introdução

Este texto apresenta uma reflexão sobre a importância da leitura de obras literárias na escola pública, partindo de uma perspectiva crítica freireana, entendendo que, na prática cotidiana, a leitura deve estar relacionada à realidade social do aluno que é um sujeito histórico e carregado subjetividades.

Mas, na sala de aula, o livro literário é, geralmente, visto como um objeto técnico de análise que implica atividades didáticas desconectadas das vivências do leitor. Não é um espaço em que se acessa pelo prazer da descoberta de si e do mundo. O ensino público está longe de tornar a leitura significativa para os estudantes. Com isso, os alunos podem não compreender a importância da leitura em seu cotidiano, distanciando, dessa forma, a relação dialética entre a objetividade e subjetividade que caracterizam a leitura crítica do mundo, que permitem o reconhecimento de si como sujeito ativo nas relações e transformações de seu tempo.

Nesse contexto, urge a necessidade de compreender que o aluno vai para a escola já com a sua visão de mundo Freire (2011), pois antes de um ensino institucionalizado, ele está no mundo traçando sua realidade de forma subjetiva, e esta subjetividade percorre o seu ato de ler, Jouve realça que:

O modo pelo qual um leitor imagina cenário e personagens a partir de indicações, em geral um tanto vagas do texto, remete a situações e acontecimentos que vivenciou e cuja lembrança retorna espontaneamente durante a leitura (2013, p. 54).

Nessa perspectiva, cabe ao docente utilizar práticas pedagógicas construtivistas críticas (que desenvolveu no contexto de sua formação inicial e na prática transformadora) como forma de articular um ensino que estimule a formação de alunos leitores reflexivos e, ao mesmo tempo, atinja aos objetivos educacionais do aluno real e busque a autonomia do sujeito. Para o construtivismo crítico a realidade é construída na interação entre sujeitos ativos. Segundo Dias,

o construtivismo crítico possibilita ainda um exercício de desconstrução que permite olhar de forma mais abrangente para os processos em análise, enaltecendo dinâmicas que de outra forma permaneceriam invisíveis [...] o construtivismo crítico sugere que os agentes são sujeitos reflexivos capazes de olhar a realidade e tomar decisões intencionais [...] e que desta capacidade de reflexão e escolha resulta um processo de mudança e transformação social (2013, p. 185. Destaque nosso).

Diante disso, tomamos como base Paulo Freire (1921-1997), mais especificamente, a sua visão sobre a temática da leitura, como vemos na obra: *A importância do ato de ler* (1988). A leitura precisa ser uma experiência com o real, pois segundo o autor a “leitura do mundo precede a leitura da palavra [...]” (Freire, 2011, p. 19). Assim, há uma relação que se apresenta de forma dinâmica entre texto e contexto. Isso evidencia que, se o sujeito em formação, não ler seu contexto, seu mundo, os outros - incluindo o ficcional - estarão distantes de uma leitura significativa, apontando para algo sem sentido.

Outro autor que nos orientou nesta pesquisa é Paul Zumthor (1915-1995) com sua pesquisa sobre performance da voz, recepção e leitura. O leitor, que está em formação, pode receber a obra com mais sentido, se trabalhar a performance da voz do aluno. Estabelecendo, assim, relação entre o que o aluno e o texto têm para oferecer, nenhum dos dois é neutro de contexto. Os dois têm espaço, um ficcional o outro real, transitar por esses espaços de forma crítica pode trazer mais significado para leitura literária.

E nesse sentido, a escola é um espaço fértil de trocas e encontros, nela os sujeitos têm oportunidades de crescer na relação com os outros, pois ninguém aprende sozinho, juntos vão tecendo a sociabilidade que lhes assegura a ética do coletivo. É nesse ambiente que a leitura, muitas vezes, percorre um caminho desconhecido com a vida do aluno. Contrariando isso, queremos refletir e apontar para a prática que mostra que a leitura é o ponto de encontro entre vida do aluno e espaço ficcional da obra.

Para tanto, acreditamos que o lugar da leitura na escola não pode ser reduzido a meras atividades curriculares que se afastam da realidade. Ler é um movimento dialético, onde leitor encontra significado no texto e o texto sentido em quem o lê. Percorrer esse sentido é um dos objetivos do presente trabalho.

Nota-se, ainda, que o ato de ler traz continuação do “eu” que se revela por uma aproximação de sentidos, encontra-se no texto situações que o próprio leitor já viveu,

ele se lê no lido. Mas, há também descontinuidade, pois o texto não lhe pertence é um espaço da linguagem Barthes (2015), acessível pela leitura que não se repete, uma fruição de opostos que se completam por um ato desafiador: a leitura. Conforme Roland Barthes, “Eu me interesso pela linguagem porque ela me fere ou me seduz” (2015, p. 47).

Por isso, o objetivo deste texto é averiguar a aproximação entre a educação e a literatura no ambiente escolar, permeado pela reflexão crítica e análises que associem o mundo do aluno ao texto, ou seja, identificar como a leitura de texto literário contribui com a leitura de mundo por parte do educando. Para isso, a pergunta que nos inquieta é: como a leitura de obras literárias na escola pode ser significativa para construção da realidade concreta do educando?

2 A leitura e a concepção social do sujeito

Fala-se muito em ir para escola para aprender ler e escrever. É na escola que pais e alunos encontram a esperança de um futuro melhor: estudar para ter um bom emprego. O ensino muitas vezes estimula o estudo para disputar o mercado de trabalho, instigando o ser melhor para passar na frente. Estudar para... Será?

Diante de tal questionamento, nota-se que não é diferente o pensamento em relação à leitura e a literatura. Já ouvimos: ler para escrever melhor, para falar bem, etc. É recorrente vê-las como pretexto para que o aluno se desenvolva em outras disciplinas e habilidades escolares ou até mesmo para ir bem em uma entrevista de emprego. O que nos faz entender que aquilo que vem depois é o melhor. Não é o momento escolar do agora, onde alunos e professores têm oportunidade de ensinar e aprender de forma dinâmica e prazerosa. Não é ler para desfrutar da própria leitura. Há grande equívoco e precisamos entender que a escola e a literatura têm papel na formação humana em si.

Mas, muitas vezes, a professora ou o professor, no ensino fundamental, pedem que cada aluno escolha um livro na biblioteca, leia e apresente um trabalho em cartolina para sala. Quem apresenta fala do livro, da capa, editora, autor etc. Mas, a pergunta que fica é: “Quem é o leitor, esse desconhecido”? (Lajolo, 1998).

Em uma resposta simples, é o sujeito da ação leitora, ou seja, a leitura parte do leitor, é nele que tudo começa e continua. Saber os efeitos é fundamental para ele e para a professora. De alguma forma, o aluno foi afetado, transformado pelo próprio ato de ler. Essa transformação pode revelar como essa leitura contribui para leitura da realidade e como a leitura do seu mundo se expande para o texto. Mais do que apresentar um trabalho escolar, é refletir onde está o leitor no texto, onde há o ponto de encontro e as contradições.

Nessa perspectiva, o ato de ler não é neutro e o leitor traz consigo a subjetividade que o compõe socialmente, nesse sentido, o trabalho com a leitura literária na escola deve ter como ponto de partida o próprio leitor com a sua vivência singular e dentro do macrossocial que estabelece relação de concepção do ser.

Segundo Martins,

a concepção [...] de mundo refere-se às formas de interpretar a realidade e de nela se posicionar, a partir do que desafia a existência humana, de maneira que se torna guia para ação. Ela é produzida historicamente, portanto, não é inata nem neutra, e se difunde por diferentes meios, instrumentos e processos, incorporando-se ao ser social de determinada formação econômica, à subjetividade dos sujeitos individuais e coletivos que a compõe (2017, p. 250).

Por isso, a concepção do sujeito, como base no materialismo histórico-dialético, pode ter pressupostos objetivos porque estabelece relação com o mundo concreto. A concepção da realidade (ontologia) oferece possibilidade de criticidade para a leitura da realidade decorrente do sujeito histórico. Essa leitura permite conexões entre realidade, leitor e texto, articulação promovida pela subjetividade do leitor e daquilo que o texto tem a oferecer ao seu interlocutor, pois este também não é neutro.

Martins reforça que:

a ontologia do marxismo originário toma a realidade como totalizante concreta [...] um conjunto dialeticamente articulado de processos e produtos objetivos e subjetivos, produzidos pelo homem na medida em que enfrenta as contradições da luta pela sobrevivência e pela existência ao longo da História (2017, p. 251).

Logo, na concepção do sujeito leitor, as relações podem ser entendidas dialeticamente e na leitura de uma obra literária dialoga com o espaço ficcional, criando dessa forma relação entre mundo real e ficção, pode-se assim, trabalhar a leitura na escola de maneira mais significativa e crítica.

Diante disso, não se pode negar aquilo que o aluno leitor tem para oferecer no ato da leitura, pois é isso que fará a mediação e conexões com o texto. Ele atribuirá significado ao texto e contexto da obra, não ficará na superficialidade que leva a codificar palavras que para ele pode não ter sentido porque não têm relação com a sua realidade. Isso pode ser um impedimento à leitura crítica e criativa que vai além das palavras no papel.

Para tanto, ler é conectar mundos por meio do encontro que é a própria leitura. O leitor estabelece relação dialética com o texto que o confronta constantemente para criar reflexão e diálogo com a subjetividade do sujeito. Nesse sentido, a palavra ressignifica aquilo que o leitor já traz de si, sua vivência e concepção de ser no mundo. É um

“investimento” pessoal diante do texto, e como dito sabe toda leitura tem uma parte de subjetividade (Jouve, 2013), isso significa que o ensino de literatura na escola não pode desconsiderar essa dimensão do ato de ler: a realidade. Não se lê, apenas para conhecer novas formas de ver a realidade e, sim para conhecer um pouco de si em relação no mundo, o que se constitui a formação histórica do sujeito.

O sujeito, que é um ser de concepção histórica, estabelece com o materialismo a sua volta conexões dialéticas, sua subjetividade não é singular, pois outros a compõe e, isso tem influência na sua forma de ver e ler o mundo pelo qual transita. Essa constituição do sujeito deve ser considerada no ensino escolar. Nenhum aluno pode ser desconectado de seu tempo e da sociedade, a maneira como ele entende a dinâmica social pode ser ingênua, mas não vazia de significados.

E, por isso, a escola não pode ser o lugar que deposita no aluno significados, deve ser o espaço que valoriza o que o sujeito já tem e lhe oferece meios para construir outros por meio do diálogo. Na escola os educandos não devem ser arrastados a conteúdos desconectados com a realidade ou um fazer pedagógico abstrato de um objeto distante sem alteridade e subjetividade. É nela, que cada um tem oportunidade de construir relações; é um espaço para reflexão, talvez o único em que o aluno tenha para compartilhar um pouco de si de maneira democrática.

Dessa forma, nota-se que é fundamental que as escolas tenham a disciplina de literatura para que a leitura seja desenvolvida de forma significativa. Nela haveria leitura coletiva, debates, construção pessoal e coletiva do texto e contexto da obra. Um ensino fundamentado no diálogo entre texto e leitor e os leitores um com o outro. Cada um oferece um pouco de si ao outro, criando uma realidade coletiva diante da materialidade que lhes é apresentada.

Contudo, o ensino na escola não pode ser pautado pela mecanização ou por uma leitura que não tem sentido para o educando. É fundamental que o trabalho com a leitura seja baseado na realidade do aluno que é o ponto de partida do ato de ler. Conforme Jouve: “cada um projeta um pouco de si na sua leitura, por isso a relação com a obra não significa somente sair de si, mas também retornar a si. A leitura de um texto também é sempre leitura do sujeito por ele mesmo [...]” (2013, p. 53).

Há dessa forma uma dimensão dialética no ato de ler que pode levar o sujeito se conceber criticamente diante a realidade. Voltar a si, traz nova possibilidade de ler a realidade. O trabalho com a leitura na escola tem de ser um fazer modificador de olhares reflexivos, nesse movimento não ser apenas uma atividade escolar para cumprir exigência do currículo, mas uma ação geradora de perspectivas da realidade.

Assim, percebe-se que a leitura verdadeira gera mudança. Mudança que é possível através da escola, desde que nela, o sujeito não seja colocado frente ao texto para

que decorando seja “domesticado” e reproduza o que leu de forma memorizada, mas que se construa com o texto certa relação pessoal que lhe faça pensar de maneiras antes não pensada. Segundo Freire: “A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito” (2021, p. 29). Ela é uma atividade poderosa de transformação social do aluno, e a escola precisa ter consciência dessa realidade. Não é ler para obter notas escolares, mas para não transitar na ingenuidade da vida.

Neste sentido, a concepção social e crítica do aluno pela leitura pode ser significativa quando leva ao saber do mundo pelo saber de si. Esse movimento confronta o leitor diante da obra e da sua própria vivência, isso pode gerar questionamentos que levam à busca de novas compreensões. Não é um estar passivo no mundo e, sim, tecer um mundo onde cada um é sujeito da própria história.

Com efeito, a leitura crítica de um texto forma alunos mais conscientes da realidade e pode fazer com que os sujeitos sejam mais eticamente comprometidos com a sociedade. A leitura dialógica, que cria conexão com a realidade, é significativa para o aluno porque estabelece relação entre o ficcional da obra e a realidade do leitor.

Por isso, interpretar o espaço ficcional de forma crítica pode ser relevante para uma leitura mais consciente da realidade, é uma forma de estabelecer relação dinâmica onde o sujeito vai, pelo ato de ler, criando conexões além do texto escrito, lê o contexto da obra e também o seu.

Nessa perspectiva, para (Zumthor, 2007) a leitura é um encontro, que acontece entre texto e leitor, e leitor e contexto. É pela leitura que o texto ganha significado que vem da subjetividade do leitor, é pela leitura que o leitor se encontra e faz conexão com outras leituras e com a sua própria realidade que não pode estar distante do texto lido. Segundo Santos: “a formação do leitor literário precisa acontecer constantemente, pois a literatura permite ao leitor refletir sobre o mundo e, sobre si próprio [...]” (2017, p. 24).

Sob tal ótica, a escola precisa dar suporte para que o trabalho com a leitura não seja superficial, desconectado das vivências do leitor. A obrigação afasta o prazer em ler e reduz as obras literárias em atividades escolares sem sentido, “a leitura prazerosa parece não ter lugar na escola, onde ler mais configura uma necessidade para se atualizar com informações múltiplas e que se substituem rapidamente, sem o tempo necessário para o aprofundamento” (Santos, 2017, p. 23). Se ler é apenas uma atividade avaliativa na escola, não há tempo para aprofundar esteticamente o texto.

Nesse sentido, acreditamos que a leitura, se bem trabalhada, pode contribuir para concepção do sujeito, configurando lhe uma avaliação estética do mundo, pois associa texto, contexto e realidade, e os significados são constantemente transformados. A es-

cola é sem dúvidas um espaço que pode contribuir com essa transformação, a biblioteca escolar não pode ser depósito de livros. Sem leitores para que livros?

Verifica-se, ainda em Zumthor, que: “um texto só existe, verdadeiramente, na medida em que há leitores (2007, p. 22). A escola é responsável por proporcionar e estimular o encontro entre texto e leitor, mas a forma como será realizada essa ação pode ser reprodutiva ou transformadora. A leitura é uma ação social por isso, tem um contexto social que deve ser considerado no ato de ler. Há nesse sentido diálogo entre tempos históricos, do aluno e do texto, tem-se também a materialidade da concepção da obra, como a sociedade entendia o mundo e as relações com o contemporâneo.

Diante desta conjuntura, o leitor tem a sua materialidade, segundo Zumthor “O meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo” (2007, p. 23). Ler é uma experiência de troca que pode levar à conscientização crítica da realidade por meio da leitura da “palavramundo” (Freire, 2011, p. 20), palavra carregada de história crítica e material, palavra cheia de mundos que se encontraram e ganham novos significados.

Esses significados nos levam, por meio desse texto, à concepção da “*Leitura dialógica-crítica*,” entendendo que ler é uma ação de diálogo com o texto e contexto e pode levar à concepção crítica do sujeito. A leitura como ação dialética deve promover a liberdade e criatividade de pensamento do leitor, que faz leitura da própria realidade e nela intervém dando novos sentidos ao seu agir com o mundo. Ela abre caminhos para que o sujeito se encontre nas palavras e não as veja distante de si.

Com isso, percebe-se no texto lido a dimensão do seu eu, cria-se possibilidades para ler a sua trajetória que se desvela em cada página. Nota-se, assim, pela alteridade o outro, que faz do texto um espaço a ser explorado. O leitor lê os conflitos ficcionais e interpreta os pessoais, cria novos olhares para o seu estar no mundo e, se sentindo representado no texto, vai transformando a sua consciência.

Esse reconhecimento de si no texto vai além do que é proposto hoje nas escolas que reduz a leitura por meio da reprodução de palavras decoradas. Lê-se na escola para entender o texto. Há várias atividades de “leitura e interpretação”, no livro didático. O aluno é forçado a “entender” o texto, mas dificilmente é conduzido, pelo texto, a saber mais do seu próprio eu, de sua transitividade na vida.

Em contrapartida, a leitura é dialógica quando leva o aluno ao entendimento do texto e de si, a compreender o contexto textual e o seu próprio, assim, ler pode ter mais sentido na escola, e o livro não será visto como mero objeto e, sim, como potencial espaço para buscar a leitura dos acontecimentos concretos da realidade. Essa leitura reconhece a importância do leitor/aluno e do texto, não apenas saber se o aluno sabe

ler texto, é saber se ele é leitor-protagonista e lê a sua história, sendo material, social e dialética e, vai se constituindo a vivência de forma dinâmica

Tinoco reforça que:

Uma leitura assim dialógica se faz por meio de um processo consciente em que ela, produtivamente, mostra-se como representação de consciência que busca quem é o sujeito que lê e o quê é o objeto lido, pois o ato de ler é mais um reflexo básico do hábito de ler. Nesse sentido, quanto mais se está habituado a ler, melhor se estabelece esse importante ato representado, dentre tantas, uma função social [...] entendida como algo não definitivo nem perfeitamente acabado. Quanto à leitura como processo e não como mero produto com fim específico[...] (2013, p. 143; destaque nosso).

A leitura na escola não é algo definido em que estabelece ponto de partida e chegada, até porque, cada aluno “entra” no texto de forma diferente, o processo se faz na singularidade e pluralidade de cada leitor. Uma das funções da leitura é instigar o confronto pessoal, tendo ela a sua função sociocultural, coloca aquele que lê para refletir a sua posição social, que não é previamente definida nem acabada, mas uma construção histórica com a realidade. Enquanto as atividades escolares ficarem na superficialidade, a descoberta de si pelo ato de ler será cada vez mais desconectada das vivências dos sujeitos.

Segundo Jouve, “a leitura não é somente a ocasião de enriquecer o saber sobre o mundo; ela permite também aprofundar o saber sobre si” (2013, p. 62). Ela se constitui diálogo, que possibilita a descoberta por meio de uma “*Leitura dialógica-crítica*,” que vai além do texto, sendo este importante para gerar os questionamentos do sujeito e que cria conexão com a vida do aluno o que leva ao “*lervivência*,” conceito criado por nós e está ainda em seu início e que tem como objetivo gerar uma “*leitura significativa*” na escola tendo como ponto de partida o próprio leitor no encontro com o texto.

Esse leitor busca significados no texto e gera outros sentidos ao texto lido, com o *lervivência* o aluno sai de si e transita no espaço ficcional da obra, reconhece os conflitos inerentes à trama, sabe que esse lugar não é o seu, mas percebe que há outro mundo a ser transitado pela leitura. Torna-se questionador da ficção, busca caminhos que seriam possíveis de realizar sem alterar o enredo e, assim, se reconhece em um tempo e espaço diferente do seu, mas que se conectam dialeticamente.

Tal distanciamento do real pode fazer do aluno/leitor/protagonista um sujeito mais crítico e consciente da sua realidade. O *lervivência* cria pontos de contatos entre o ficcional da obra e a vivência do leitor que se encontra na obra e reconhece no contexto do texto situação que ele próprio viveu, percebe que poderia tomar caminhos diferen-

tes ou oferecer ao texto tais caminhos, pois ele já percorreu alguns momentos que pela leitura encontra e visualiza através da imaginação.

Portanto, é uma leitura que se faz no processo do fazer/ser, o aluno constrói com o texto o seu eu/protagonista, assume, de forma crítica, que a vida não é um arrastar de si e, sim, um tecer que se faz na própria ação.

3 Das vivências do sujeito às experiências com o texto

Podemos supor que há no sujeito concretização do texto, que gera pela recepção o prazer da leitura e não a memorização de palavras que não têm relação com seu mundo particular e a realidade vivenciada. Na esfera dialógica entre leitor e mundo, Robson Tinoco aponta que:

leitura produtiva que se torna um prazer quando a produtividade do leitor se manifesta, ou seja, quando os textos oferecem a possibilidade de ele exercer suas capacidades, dialógicas de apreensão de mundo [...] a pessoa se aprimora enquanto desenvolve a capacidade de refletir, questionar, descobrir – aprimoramento promovido pela conscientização de um sujeito-agente consciente de si e do mundo que o cerca, suas variantes (2013, p. 148).

Por outro lado, quando se pensa em leitor literário na escola, fica claro que estamos falando de um ser em construção, que é o centro da aprendizagem e que deve conquistar uma leitura autônoma. E professor, nesse contexto, torna-se um orientador na construção do hábito de ler e, os livros - em especial aqueles de ficção em prosa e poesia - devem se constituir um material que faça parte da vida do aluno, independentemente do livro didático que já está instituído em sua rotina escolar. Marisa Lajolo é uma das autoras mais representativas entre os que têm se dedicado ao estudo da leitura literária no ensino. Segundo ela, em *Do mundo da leitura para a leitura do mundo* (1993), a obrigatoriedade da leitura é um fator comprometedor para esse ensino, ao desprezar a motivação e o prazer de ler, que deve ser uma conquista individual.

Por isso, o ensino de literatura na escola deve aproximar o aluno em formação do texto, que precisa se identificar e ter relação mais profunda com o que está lendo, longe de obrigações. Para a autora, “ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum” (Lajolo, 1993, p. 15).

No mesmo sentido, Teresa Colomer, em *A formação do leitor literário* (2003), lembra que o leitor em formação compreende o mundo por meio de uma “cultura codificada” (2003, p. 173) e, nela, é a literatura que lhe oferece uma “avaliação estética do mundo” (2003, p. 173), o que Freire chama de “percepção crítica” (2011, p. 31). Segundo a autora, o ensino de literatura é importante na escola, mas não adianta ter excelentes livros

de literatura se não houver a prática leitora, que implica a formação de um leitor literário capaz de fazer associações no campo textual, que se apresenta como um “jogo” no qual os significados estão em contínua transformação tanto no ficcional como na experiência e vivência do aluno leitor literário.

Dessa forma, a relação do espaço ficcional e a realidade do aluno se tornam espaços de mediação, significativas para uma prática mais consciente da formação do leitor literário na escola. Entender que há relação é importante porque afasta a mera memorização mecânica de palavras. Isso nos lava às perguntas: o que o aluno leitor traz de si quando lê um livro? E o que leva da leitura feita?

Esse movimento revela que a leitura é antes de tudo encontro e diálogo Zumthor (2007), e pode estabelecer na ação contradição, revelando as camadas dos objetos que se encontram. O texto tem uma função comunicativa e busca no seu receptor o objetivo de sua composição, “os textos se oferecem à nossa inquieta procura” (Freire, 2011, p. 25). Não podem ser objetos guardados na “Sala de Leitura” das escolas, precisam dar e ter significado para os alunos.

Diante de tal afirmação, a leitura na escola e a vivência do aluno não podem ser separadas uma da outra para constituir o sujeito leitor crítico. Uma situação pode completar a outra, tornando-se assim, mais significativo para o aluno que constrói a sua crítica por meio das possibilidades e das experiências que o texto e a sua própria trajetória de vida lhe oferecem.

Para Dalvi, “muito mais do que formar, informar ou conformar leitores, possamos contribuir para que os leitores de literatura de hoje e amanhã refutem e reinventem, provocativa, criativa e ousadamente a leitura, a literatura e a escola que lhes afigura” (2013, p. 69). O aluno receptor de livros na escola pode não ver sentido no que está lendo se for passivo diante do texto e se a leitura de livros tem como objetivo trabalhos escolares avaliativos.

Isso nos leva a questionar: o trabalho com a literatura na escola pública tem sido significativo para a vida do aluno? A literatura e a educação, juntas, precisam formar sujeitos que tenham percepção crítica diante do texto. Não basta, na escola, ler apenas como atividade didática para responder questões interpretativas do livro. Segundo Santos, “O ensino de literatura deve aproximar o aluno em formação do texto, que precisa se identificar e ter uma relação mais profunda com o que está lendo, longe de obrigações” (2017, p. 22).

Por isso, ler não pode ser um ato isolado em determinados fazeres da escola. A escola devem ser o lugar literário que auxilia o processo de formação do sujeito leitor. Toda escola deve ter uma biblioteca (atualmente chamada de sala de leitura nas escolas públicas do Estado de São Paulo), independente do nome, o que mais importa é

como esse espaço é utilizado, se é apenas um “depósito” de livro ou um lugar “vivo” que promove encontro e provoca, levando à reflexão da leitura, do livro e da própria comunidade.

A sala de leitura de uma escola não pode ser um lugar frio, onde um ou outro aluno retira um livro que a professora recomendou para trabalho final de bimestre. Precisa ser o espaço onde ocorre contação de histórias, saraus, debates e até oficina do escritor. A escola tem que promover bate-papo com escritores locais, leitura de poemas, trazer o que o entorno da escola tem para oferecer, incluindo a música. E, assim, despertar no aluno o prazer estético pela leitura e pela cultura.

Nesse sentido, os alunos também serão protagonistas dessa dinâmica na sala de leitura. Podem escrever textos em prosa e poesia que serão lidos para os colegas, compartilhando suas criatividade, compartilhando um pouco de si. Essa prática pode fazer da literatura uma ação mais prazerosa na educação, em especial a escolar.

Dessa forma, vivenciar a leitura na escola entre os alunos é trabalhar a realidade deles, que é o espaço fundamental de mediação na construção de saberes significativos. Proporcionar momentos de troca é trazer para o aluno formas de ler o seu mundo e o mundo presente nos livros. Cada um traz para sala de leitura um mundo já vivido que encontra outro e faz conexões que ampliam a percepção crítica dos comportamentos e modos de viver. A biblioteca da escola precisa ser mais ativa na vida dos educandos, não é um espaço qualquer.

Paulo Freire aponta que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e o contexto (2011, p. 19 - 20).

Contudo, deve-se valorizar a experiência vivida que o aluno traz para o texto, porque com ela, ele faz conexões e revive situações que foram importantes para tecer o seu olhar diante do seu contexto e do contexto do espaço ficcional da obra lida. Nesse sentido, ler-se não somente as palavras, mas também o mundo.

4 Metodologia

A natureza investigativa do trabalho se caracteriza por ser de cunho qualitativo envolvendo levantamento bibliográfico e relato de experiência. Lakatos e Marconi lembram que:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (Lakatos e Marconi, 2003, p. 183).

Nesse sentido, entendemos a pesquisa comprometida com a construção e transformação da realidade histórica e social dos alunos, sendo a escola uma instituição que não deve ser isolada da vida. A visão compartilhada nesse trabalho considera a realidade do sujeito como mediação para a leitura significativa na escola, com isso e, diante do já produzido, contribui para entender a escola, a leitura, os educandos e educandos como agentes históricos de transformação da realidade concreta.

Com essa perspectiva, a epistemologia adotada nesse estudo se baseia no construtivismo crítico, entendendo que o sujeito está em constante transformação na relação direta com o seu mundo e o seu tempo e, nesse sentido, não há atravessadores de mediação. Assim, pela leitura da realidade e pela leitura de textos literários o sujeito se constrói crítico superando a passividade ingênua.

Diante disso, tomamos como base uma prática pedagógica constituída em relato de experiência realizada com os alunos do Ensino Fundamental II de uma escola, na cidade de Sorocaba - SP e que visou à formação do leitor literário.

5 A experiência da leitura dialógica-crítica na escola

A leitura, na escola ou não, sempre parte do leitor - sujeito carregado de experiência -, é ele que leva para ela o que pertence ao mundo com o qual se relaciona. Nesse sentido, trazemos o relato de experiência obtido em uma escola na cidade de Sorocaba - SP, entre os anos de 2018 e 2022. O trabalho foi realizado através de seminário sobre livro, montagem teatral e produção de livros. Todas as atividades partiam daquilo que os alunos tinham para oferecer, ou seja, de suas vivências problematizadas com o professor. Essa ação pedagógica teve como objetivo a reflexão crítica do que pertence à realidade dos alunos por meio da arte literária e teatral. E, assim, buscou-se o entrelaçamento do mundo real e do ficcional, que possibilita uma leitura mais ampla e crítica das experiências do mundo. Queremos destacar três atividades do cotidiano escolar de um professor de língua portuguesa que podem ajudar na reflexão.

A primeira foi o seminário. O professor combinou com a turma do 9º ano, que durante o primeiro trimestre de 2018, cada um leria o livro *Quando meu pai perdeu o emprego*, de Wagner Costa, publicado em 1993. O próprio título revela uma situação comum e contraditória da realidade brasileira. Cada aluno escreverá sobre a relação que teve com o livro durante os momentos individuais de leitura. Foi proposto que eles escrevessem, não apenas, sobre o livro se é bom ou não, se gostou ou não, menos ainda para fazer algum tipo de resumo, mas para que falem sobre si, onde o livro chamou mais atenção e na relação com a realidade vivenciada.

Assim, percebe-se que, a escrita do lido é importante, pois traz as marcas do leitor. A leitura e a escrita configuram atividades sociais e socializadoras Viana (2017), nelas, o aluno constrói e pode transformar o significado do que lê. Escrever, nesse sentido, se torna a revelação do leitor por meio da leitura, uma autorreflexão das vivências perante o texto.

Com o livro lido e o texto escrito, o professor organizou um debate com a turma. Na sala de aula (pode ser em outros espaços), os alunos se sentaram em círculo, todos tiveram fala para partilhar os achados durante a leitura. Nesse momento, mais de um aluno trouxe que a família já passou por um momento difícil assim como os personagens na ficção, outros identificaram cada membro do enredo ficcional com um familiar. Há, também, aqueles que se reconheceram naquelas personagens que não colaboram com os pais em situações de tensão, como o desemprego.

É no debate que os alunos e alunas têm voz, se posicionam e são livres para trazer o que pensam, sendo desafiados e contrariados pelos colegas. Por meio da escrita e da fala, eles têm liberdade em um lugar coletivo de troca.

Por fim, houve apresentação de cada aluno sobre o livro, foram livres para usar recursos como *Power Point*, música, vídeo, imagem etc. Nesse momento, o aluno leitor mostrou para sala o que a sua leitura capturou da obra e de maneira dialógica e expositiva compartilhou com a sala o seu trajeto na relação texto e leitor. Reflexões coletivas permearam os debates.

A segunda atividade foi o teatro. Durante o segundo trimestre de 2018, o professor propôs para a turma do 8º ano, do colégio, a construção de uma peça teatral que foi apresentada para as outras turmas na quadra da escola — é importante ressaltar que todas às vezes que se oferece esse tipo de trabalho criativo os alunos gostam muito. Mas, não é uma atividade que parte do que o professor tem para o aluno e, sim, do que os alunos têm para oferecer, com base na realidade material de cada um.

O primeiro passo para a atividade foi o diálogo, para que chegassem a um acordo sobre o tema para escrever o texto teatral. Querem falar sobre o quê? Nesse momento, o professor é o orientador, pois está no limiar entre o saber popular nas falas dos es-

tudantes e o saber sistematizado, com isso, mostra-se uma prática que advém de uma metodologia dialógica.

Escolhido o tema, a turma foi dividida em grupos: texto, cenários, música, figurino, atuação. E os ensaios foram importantes para o embate de ideias, conflitos, decisões a serem tomadas em grupo e que permitissem a leitura da realidade através da ficção a ser encenada. Nesse momento, eles vivenciaram situações reais do cotidiano por meio do tema “amizade” que escolheram para atuar na peça, o que abre espaço para reflexão de situações-limite Freire (2013).

O texto, nesse caso, passar a ser um espaço criado e habitado pelo aluno-leitor-personagem, onde ele não apenas decodifica letras, palavras e sentidos, mas descodifica para voltar com um olhar mais crítico para as situações reais. Para Barthes:

o leitor é tomado por uma inversão dialética: ele não decodifica, ele sobredecodifica; não decifra, produz, amontoa linguagens, deixa-se infinita e incansavelmente atravessar por elas: ele é essa travessia [...] essa é a própria situação do sujeito humano [...] um sujeito que já não é o sujeito pensante da filosofia idealista, mas sim despojado de toda unidade (2012, p. 41. Destaque do autor).

Nesse sentido, a apresentação da peça teatral para as outras turmas se torna a realização de todo o trabalho de um percurso de leitura e escrita atravessada, onde os protagonistas não são as personagens criadas pelos estudantes e, sim, os próprios educandos, espaço dessa travessia, que constrói constantemente a sua visão de mundo e é afetado por ele, busca-se, assim, a superação da ingenuidade perante a reflexão crítica sobre si.

Atividades coma essa podem contribuir para essa transposição de olhar o real com mais amplitude e criticidade porque partiu daquilo que eles tinham para oferecer, da visão - senso comum - que trouxeram, mas a organização da peça e os debates em sala de aula sobre ela e a temática abordada ajudam, por meio da coletividade, a tecer reflexão singulares sobre o próprio sujeito em formação.

Depois de encenada a peça, em aulas posteriores, os alunos fizeram um levantamento, por meio do diálogo, sobre o que deu certo e o que pode melhorar e, como a encenação provocou quem assistiu. Isso mostra que escrever um texto teatral, ler e apresentar fundam outra perspectiva do uso social da linguagem a qual prescinde da realidade material (expressão que é pleonástica) dos educandos que encontram no texto um pouco de si, nesse processo, entende-se que “a leitura não é somente a ocasião de enriquecer a saber sobre o mundo; ela permite também aprofundar o saber sobre si” (Jouve, 2013, p. 62).

A última atividade proposta foi a produção de livros. Essa experiência ocorreu no segundo trimestre de 2022, durante a Semana de Literatura, proposta pelo autor – um evento cultural com palestra, teatro, música, dança etc. O evento ocorreu no colégio e contou com a participação dos familiares e foi aberto para a comunidade.

Na escola, os alunos estão acostumados com livros na estante de autores que eles podem sequer conhecer: o autor esse sujeito de cabelos grisalhos e óculos escreve para alguém lê, mas essa leitura não é linear porque há no texto e no leitor múltiplas interpretações, caminhos não delineados e, sim, construídos na relação com o texto. Na escola, o escritor e o livro parecem distantes dos estudantes, um mundo intocado. Para tanto,

Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único [...], mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhum é original: o texto é um tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura (Barthes, 2012, p. 62).

Tirar o aluno dessa passividade é fundamental, colocá-lo como autor de um livro, através de uma atividade escolar, permite de forma direta que ele seja construtor da própria história, tornando-o capaz de reconhecer o conjunto de possibilidades - que por meio da criatividade e criticidade -, viabilizam a transformação prática das condições sociais.

No corrimão dessa perspectiva, o professor propôs para a turma escrever um livro de crônicas, cada aluno escreveu uma, partindo de alguma situação do cotidiano de cada um. Inicialmente, os educandos e educandas observaram, no dia a dia, momentos que chamavam a sua atenção, seja no mercado, casa, escola, até mesmo, alguma notícia jornalística que o fez refletir, por exemplo, sobre a desigualdade ou pobreza. Esse instante visava, apenas, a observação.

O segundo momento foi o compartilhamento, em sala de aula através do diálogo, sobre o que foi observado, cada um expôs o que lhe chamou atenção e qual foi a sua leitura do observado, com isso, ao ouvir os colegas, eles perceberam, com a orientação do educador, que há múltiplos olhares, e um pode completar ou contradizer o outro, construindo a diversidade e criticidade sobre as relações sociais, mas de maneira alguma uma fala deve anular a outra de forma opressora, fazendo entender que o jeito de olhar a realidade de um é superior e todos devem ir pelo mesmo caminho.

Após observar e compartilhar, os educandos escreveram seus textos. Pela ação de escrever, o aluno parte da confrontação com a sociedade e o ambiente escolar que é o espaço social onde ele tem oportunidade de compartilhar um pouco de si, nesse sentido, conforme Leyla Perrone-Moisés: “A escritura é a relação que o escritor mantém com a sociedade, de onde sua obra sai e para a qual se destina [...]” (1978, p. 35-36). O educando - nesse momento aluno/escritor - encontra no ato de escrever a sua

relação com a sociedade, torna-se leitor da realidade e um questionador reflexivo do que observa, não mais de forma passiva. Torna-se participante da vida social que vê e interpreta, parte para ação/reflexiva e busca a transformação dialógica e crítica do seu mundo imediato Freire (2011).

Com cada crônica pronta e pela orientação do educador, os alunos trocaram os textos para que cada um possa ler o do outro e dar sugestões para alguma contribuição. Depois, os escritos foram reunidos em arquivo único e enviado para uma gráfica que transformou essa atividade escolar em um livro de crônicas com o nome de cada aluno e da escola.

Por fim, com o livro impresso, a escola organizou o lançamento da obra de crônica coletiva, pais e familiares foram convidados e cada aluno contou um pouco da trajetória e o que mais o tocou. Após esse momento, o livro foi colocado na biblioteca da escola, junto aos autores e autoras consagradas e fez parte do acervo. Isso faz com que a leitura e o ato de escrever estejam mais próximos dos educandos, não mais como algo abstrato que não faz parte da vida deles, mas concreto onde se reconhecem como sujeitos protagonistas e encontram no aprender sentido.

Essas três proposições metodológicas podem ajudar a construir um trabalho que faz da leitura, na escola, uma ação criativa e prazerosa para os educandos e educandas, que de maneira dinâmica leem, debatem, escrevem e compartilham a própria visão do mundo. Em tal asserção, eles reestabelecem aquilo que muitas vezes a escola tira deles: a voz.

6 Considerações finais

O livro na sala de aula geralmente não passa de um objeto que traz algum conhecimento rodeado de organização e tecnicismo, por isso, torna-se um abismo entre a realidade do aluno e o que o texto tem para oferecer. Muitas vezes, o contato com obras literárias na escola ocorre por meio de fragmentos que estão nos livros didáticos. A aprendizagem escolar deve ter como mediação realidade do aluno que se relaciona com o espaço ficcional de uma obra literário construindo sentido. Atualmente na escola, a leitura está vinculada à interpretação do texto e responder algumas perguntas elaboradas pelo grupo editorial que não se relaciona com a vida do sujeito que está lendo.

A leitura é na escola, geralmente, um ato desconectado da vivência do aluno, mas ela pode e deve ser um ato transformador, se trabalhado de forma mais profunda, que tem o sujeito como ponto central, pois é ele que fará da leitura uma ação transformadora que modifica o seu ser no agir no mundo. O professor se torna um orientador nesse processo dialógico-crítico, não transfere nada já pronto, em um “molde” acabado, mas cria no coletivo com o aluno/leitor, possibilidades para o desvendar o mundo e a si.

A *Leitura dialógica-crítica* é uma das possibilidades que pode fazer com que a leitura tenha mais sentido para o aluno na escola e fora dela, pois permite certa autonomia e prazer no ato de ler porque o sujeito se acha no texto e o texto ganha sentido no imaginário do leitor.

Referências

- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: DALVI, Maria Amélia et al. (Org.). **Leitura de literatura na escola**. 1. reimp. São Paulo: Parábola, 2013. p. 67-97.
- DIAS, Vanda Amaro. Construtivismo crítico: um novo olhar sobre o espaço pós-soviético e a crise na Ucrânia. **E-cadernos CES [Online]**, Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1601>; DOI: 10.4000/eces.1601. Acesso em: 15 mar. 2024.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 70 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- JOUVE, Vincent. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. In: ROUXEL, Annie et al (Org.). **In: Leitura subjetiva e ensino de literatura**. Trad. Amaury C. Moraes. São Paulo: Alameda, 2013. p. 53-65.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- MARTINS, Marcos Francisco. Marx e Engels: apontamentos sobre educação. **Comunicações Piracicaba**. v. 24 n. 2 p. 247-266, maio-ago. 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/comunicacoes/article/view/2869/195>. Acesso em: 04 jul. 2022.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas 2003.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Ensaio 45. Texto, crítica, escritura**. São Paulo: Editora Ática, 1978.
- SANTOS, Bruno Pereira dos. **A performance da voz e a formação do leitor literário a partir da antologia poética de Drummond**. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2017. 67p.
- TINOCO, Robson Coelho. Percepção do mundo na sala de aula: Leitura e literatura In: DALVI, Maria Amélia et al. (Org.). **Leitura de literatura na escola**. 1. reimp. São Paulo: Parábola, 2013. p. 135-151.
- VIANA, Rosemary de Abreu. **A leitura e a escrita na sala de aula: práticas sociais**. Revista Docentes, 2017. Disponível em: <https://revistadocentes.seduc.ce.gov.br>. Acesso em: 19 jan. 2023. _
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich, São Paulo: Cosac Naify, 2007.